

## Educação Sexual - Prós e Contras **4**

---

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes<sup>1</sup>

A sexualidade humana é elemento constitutivo da pessoa, é dimensão e expressão da personalidade. Incluída no mundo socio-cultural, vem sofrendo modificações através dos tempos. Toda mulher e todo homem exerce um papel tanto social quanto sexual, inserido na família, no afeto que eterniza a relação entre pessoas e, por conseguinte, entre os indivíduos que fazem parte de uma sociedade.

Considerando-a um atributo inerente à pessoa humana, manifestando-se independentemente de qualquer ensinamento, a sexualidade vem ocupando o seu espaço como forma de expressão individual, reconhecida como necessidade intrínseca do ser humano, não importando idade, sexo, religião, espaço geográfico, cultura etc.

Sem dúvida, para chegarmos a esse ponto, muito contribuíram as transformações advindas das ocorrências pós Segunda Guerra, eclodidas na década de 60 e em mutação constante até os dias atuais, que tiveram efeito nos papéis sexuais. A educação sexual, neste contexto, poderia parecer, em princípio, uma proposta desnecessária. Isto porque esse tipo de educação vem acontecendo sempre, em todas as sociedades e em todas as épocas, desde quando as atitudes dos pais permeiam o desenvolvimento sexual dos filhos, passando pelas informações precisas sobre as mudanças características do corpo e pelo diálogo entre pais e filhos, até as trocas de experiências afetivas e sinceras entre os componentes de um determinado grupo social.

---

1. Mestre em Educação. Professora Adjunta do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia. Delegada da SBRASH na Bahia.

Recebido em 25.08.92

Aprovado em 10.09.92

Muito a propósito, quando já havíamos redigido a maior parte das colocações que compõem este artigo, chega-nos o Boletim Informativo da SBRASH que fortaleceu nossas idéias a respeito da educação sexual. Assim, Vitiello (1992) esclarece:

- "Informar é uma atividade de ensino, de instrução, e não de educação, ao menos enquanto a informação for passada isoladamente"

- "Orientar implica um mecanismo mais elaborado, segundo o qual, baseando-se na experiência e nos conhecimentos do orientador, se ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos..."

- "Aconselhar, por outro lado, consiste em auxiliar o aconselhando a decidir-se por um ou por vários dos possíveis caminhos que ele próprio já conhece..."

- "Educar é muito mais do que a soma do informar, orientar, aconselhar... significa 'formar', na acepção de que o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente. A influência do educador, por isso mesmo, além de intensa, precisa ser contínua e duradoura, pois caso contrário não conseguirá seu intento..."

Concluindo, Vitiello afirma:

"Nesse sentido, a educação sexual sistemática só pode ser feita por familiares ou por professores, pois apenas a família e a escola, como instituições sociais, conseguem preencher os pressupostos que explicitamos antes".

Cabe-nos agora tecer algumas considerações a respeito dos prós e contras da educação sexual.

Assim como a sexualidade, a educação sexual tem várias dimensões: biológica, psicológica, sociológica e ética. Entendendo a educação sexual num sentido bem amplo já definido por Werebe (1977), compreendendo o conjunto de ações diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre uma pessoa ao longo de seu processo de desenvolvimento enquanto ser humano, que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade e à sua própria vida sexual, tenderíamos a afirmar que só vemos argumentos a favor da educação sexual, desde que o processo se baseie nos seguintes princípios:

1. Respeito à necessidade de autoconhecimento. A descoberta do corpo e das sensações que dele provêm constitui uma importante vivência da criança e fonte de crescimento pessoal. Muitas vezes deparamo-nos com um forte aparato de "ocupações" a que são submetidas as crianças; atividades de educação complementar, tais como aulas de natação, capoeira, judô, caratê, música, balé etc. camuflam uma rigorosa repressão sexual por parte da família. Elas bloqueiam o autoconhecimento, não dão tempo à criança de se conhecer e de

explorar o próprio corpo e propiciam a chegada da adolescência sem que ela tenha uma idéia real de si mesma, acompanhada de tabus, preconceitos e vivências conflitantes.

2. Abrangência de todos os aspectos do relacionamento humano. O universo da sexualidade compreende o desejo, o prazer, a descoberta do outro, além do conhecimento de si mesmo. Cada pessoa traz uma história de vida: vivências, valores, informações, padrões éticos, morais e sociais da sexualidade que precisam ser explorados, experienciados, esclarecidos. A educação sexual pode melhorar as relações interpessoais, contribuir para a educação afetiva, eliminar discriminações baseadas no sexo, facilitando o desenvolvimento harmonioso da pessoa como um todo e tendo como meta a felicidade pessoal.

3. Acompanhamento das fases de desenvolvimento do ser humano. É preciso que não se ofereça mais do que o necessário e também que não se deixe adesejar. É preciso que a educação sexual contribua para que a criança, o adolescente, o adulto jovem, maduro ou idoso possam integrar perfeitamente a vivência sexual na normalidade de suas vidas. Consideremos, por exemplo, o grande número de situações negativas da vida familiar apresentam pelos meios de comunicação social, muitas vezes sobrepondo-se às situações harmônicas. É preciso combater as distorções. Relações extraconjugais, por exemplo, são apresentadas como sempre mais agradáveis e apaixonantes. Onde queremos chegar? Esses aspectos não podem ser ignorados ou reforçados; precisam, mais do que tudo, ser discutidos e analisados, privilegiando-se o essencial das relações entre as pessoas, preparando-as para aceitar perdas, superar conflitos e impulsionando-as a prosseguir...

4. Desenvolvimento de uma metodologia que contemple a discussão aberta, ações educativas com troca de informações e de idéias, em que os envolvidos possam tratar livremente do tema sexo sem castrações, inibições e repressões, e consigam estabelecer seus próprios padrões, escolher caminhos, determinar opções. Que cada um encontre seu próprio caminho, sem inverdades, mitos ou sentimentos de culpa, para viver a sexualidade em plenitude e, por que não admitir?, poder ser feliz.

Como argumentos contra a educação sexual, apresentamos apenas dois, que a nossa experiência demonstra como sendo os principais. Todos os outros, com certeza, são decorrentes deles.

1. Professores despreparados, imaturos ou até mesmo problemáticos. Temos, por um lado, o progresso da Ciência em todas as suas especialidades, consistindo em dificuldade para o professor ao tentar sanar as dúvidas levantadas por seus alunos. Por outro lado, temos as verdades implícitas e explícitas, com o agravante da repressão sexual a que professores e pais foram e são submetidos, fazendo com que eles se contraponham ao esperado pelos alunos.

2.-Inadequação de programação, de conteúdos, de abordagens. Não se pode reduzir a sexualidade à mera genitalidade; as charnadas “aulas de sexo” podem até transformar a orientação em estímulo a práticas sexuais e não alcançam assim os verdadeiros objetivos de uma educação para a sexualidade.

Nossas colocações encontram respaldo tanto em trabalhos desenvolvidos por nós aqui na Bahia (Fagundes, 1989) como em outros do Brasil (Pernambuco, 1989; Curso Vivenciando a Educação Sexual, 1989, Curso de Treinamento de Orientadores Sexuais, 1990 e Congresso, 1991) e em outros países (Sampaio, 1987, por exemplo).

Vale ressaltar que melhor se efetiva a educação sexual quando há respaldo da sociedade. No caso da educação sexual nas escolas, os professores e/ou orientadores educacionais que se proponham a desenvolver o processo têm mais liberdade de ação na área quando há estímulo e concordância de toda a administração, da respectiva Secretaria de Educação e dos pais dos alunos.

Quando em reuniões de pais são discutidos aspectos ligados a sexualidade, estes estão sempre convencidos de que seus filhos são -Inocentes- e pouco curiosos. Entretanto, ao serem mostradas as rechações e questões formuladas por eles, promove-se a compreensão de que, hoje em dia, as crianças e os adolescentes estão muito mais cedo expostos a fatos sobre sexualidade do que seus pais.

Concluindo, fazemos nossas as palavras de Egipto (s.n.t.): “Se a escola colocar o problema de como trabalhar com a questão sexual em reuniões de pais e de sua equipe docente, certamente encontrará a forma mais viável de realizá-la e surgirão as lideranças capacitadas para coordenar este trabalho. A questão é começar!”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CURSO DE TREINAMENTO DE ORIENTADORES SEXUAIS. *In*: CONGRESSO BAIANO DE SEXUALIDADE HUMANA, 2., maio 1990. Salvador. Prof. Marcos Ribeiro.
2. CURSO VIVENCIANDO A EDUCAÇÃO SEXUAL. *In*: CONGRESSO BAIANO DE SEXUALIDADE HUMANA, 1., maio 1989. Salvador. Prof<sup>a</sup> Vilma de Souza. [Fala.]
3. CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 3., maio 1991, Porto Alegre. Mesa-redonda sobre programas de educação sexual. Participante: Ricardo Castro e Silva, [Fala.]
4. EGYPTO, A. C. “Orientação Sexual na Escola.” *Jornal do Professor*. São Paulo (s.n.t.).

5. FAGUNDES, T. C. P. C. "Educação Sexual nas Escolas - relato de uma experiência de intervenção através de orientação para o professor." *SEXUS - Estudo Interdisciplinar da Sexualidade Humana*. Rio de Janeiro, 1(3):1619, 1989.
6. PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. Diretoria de Serviços Educacionais. *Educação Sexual para a Comunidade Escolar*. Recife: Deptº- de Recursos Tecnológicos para a Educação, 1989. (E. S. Projeto, 2.)
7. SAMPAIO, M. M. *Escola e Educação Sexual*. Lisboa, Livros Horizonte, 1987, 107 p.
8. VITIELLO, N. "Outra vez a Educação Sexual." *Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo, 4(1):mar/abr, 1992.
9. WEREBE, M. J. G. *A Educação Sexual nas Escolas*. São Paulo, Moraes Editora, 1977.